

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



***MERLEAU-PONTY E A COMUNICAÇÃO COM CRIANÇAS EM
PSICOTERAPIA***

Júlia Cotta Hossepian

Professor: Ricardo Radin Bueno

SÃO PAULO
2024

Júlia Cotta Hossepian

MERLEAU-PONTY E A COMUNICAÇÃO COM CRIANÇAS EM
PSICOTERAPIA

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Ricardo Radin Bueno.

HOSSEPIAN, J.C. **Merleau-Ponty e a comunicação com crianças em psicoterapia**. São Paulo, 2024.

SÃO PAULO

2024

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, pelo suporte constante e por me dar confiança para seguir sempre em frente, sem você nada disso seria possível.

Ao meu irmão, que me inspira e ensina todos os dias sobre a beleza de ser criança. E à minha irmã, que esteve ao meu lado em cada etapa.

Ao Pedro, que acredita em mim e me encoraja como ninguém.

Às crianças que tive a oportunidade de acompanhar em minha jornada profissional e que tanto me ensinaram e inspiraram para este estudo.

Ao meu orientador, pela paciência, dedicação e por apostar no potencial desse projeto.

E, por fim, à minha mãe, pela sua vida, força e acolhimento durante todos os caminhos que percorri para chegar até aqui. Você me move e segue pra sempre sendo parte de mim.

1. Resumo

Este trabalho investigou as contribuições da teoria fenomenológica de Merleau-Ponty para a prática psicoterapêutica com crianças, com foco na compreensão da linguagem infantil. Utilizou-se uma revisão bibliográfica extensiva de obras centrais e comentadores de Merleau-Ponty para analisar como o estudo fenomenológico da linguagem pode enriquecer a prática psicoterapêutica. A pesquisa destacou a fenomenologia como abordagem que valoriza a descrição dos fenômenos tal como são percebidos, integrando percepção, linguagem e experiência sensível. Foram explorados conceitos fundamentais como sensação, percepção, corporalidade, ser sensível e linguagem, mostrando como esses elementos são interligados na construção do conhecimento e da expressão infantil. O estudo evidenciou que a linguagem infantil, mais do que um meio de comunicação, é uma forma de manifestação das vivências corporais e perceptivas das crianças, refletindo suas interações ativas com o ambiente. A imitação e a criação de palavras próprias foram destacadas como processos cruciais no desenvolvimento da identidade e da capacidade expressiva das crianças. A análise concluiu que a fenomenologia de Merleau-Ponty oferece uma base sólida para práticas terapêuticas mais sensíveis e integradoras, promovendo uma comunicação mais eficaz e uma compreensão mais profunda das crianças em psicoterapia. Além disso, foi sugerido que futuras pesquisas poderiam explorar a aplicação prática dos conceitos discutidos, avaliando empiricamente os impactos dessa abordagem nas intervenções terapêuticas com crianças.

Palavras-chave: Merleau-Ponty, psicoterapia infantil, linguagem, fenomenologia, comunicação, infância.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO TEÓRICA.....	5
2. MÉTODO	7
3. CONCEITUAÇÃO.	
3.1. Sensação	8
3.2. Percepção	9
3.3. Corporalidade	10
3.4. O Ser Sensível	12
4. LINGUAGEM	13
4.1 Aquisição da Linguagem.....	14
5. INFÂNCIA	17
6. CONCLUSÃO	22
7. REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO TEÓRICA: FENOMENOLOGIA

A fenomenologia, como corrente filosófica, destaca-se por seu comprometimento em compreender os fenômenos tal como se manifestam, sem a interferência de construções intelectuais prévias. Essa abordagem é fundamentada na ideia de que não há uma ruptura entre o vivido e o pensado, demandando, portanto, esse recuo das construções intelectuais para descrever o mundo exterior. Nesse sentido, a fenomenologia propõe colocar essas construções "entre parênteses" para permitir uma abordagem mais genuína dos fenômenos (Husserl, 2006).

Na perspectiva fenomenológica, o mundo não é algo a ser construído pelo sujeito, mas sim um meio de realização da consciência (Carmo, 2011). Não há uma dicotomia entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido; ao contrário, a relação sujeito-mundo é entendida como uma unidade inseparável. Ao se basear na descrição dos fenômenos, a abordagem pressupõe que a realidade do mundo "exterior" não pode ser negada, pois o sujeito e o mundo coexistem e se constituem mutuamente (Freitas, 2009).

O objetivo central da fenomenologia, portanto, é descrever os fenômenos, não explicá-los. A explicação implica uma interferência no fenômeno, introduzindo categorias lógicas que podem distorcer a compreensão autêntica. Descrever, por outro lado, envolve abordar o fenômeno na perspectiva do ser humano que o vivencia, respeitando sua manifestação na consciência (Carmo, 2011).

A compreensão de que a consciência está sempre voltada para algo e que o objeto é sempre um objeto *para* uma consciência, elimina a possibilidade epistemológica de um psicoterapeuta se manter neutro (Carmo, 2011). Nesse contexto, a psicologia clínica influenciada pela fenomenologia abre caminhos para abordagens terapêuticas que reconhecem a importância da subjetividade, da experiência vivida e da intersubjetividade na relação terapêutica.

Dentre os pensadores que desenvolveram-se a partir dessa linha teórica, destaca-se Merleau-Ponty, cuja obra "Fenomenologia da

Percepção" oferece uma contribuição significativa para a compreensão da experiência humana. A percepção e a linguagem, para ele, são inseparáveis, revelando-se como um saber intersubjetivo e meio de transcendência em direção ao comportamento, ao outro e ao próprio corpo. Essa perspectiva fenomenológica da linguagem, que se estende à experiência perceptiva, contribui para uma compreensão mais profunda da complexidade da existência humana.

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua 'facticidade'. (...) É a ambição de uma filosofia que seja uma 'ciência exata', mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo 'vivididos' (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 1).

Assim, ao mergulhar nas raízes da psicologia fenomenológica, entendemos que esta, como abordagem filosófica, e suas influências na psicologia clínica, abrem um vasto campo de reflexões sobre a natureza da experiência humana e seu impacto na prática terapêutica. A teoria fenomenológica de Merleau-Ponty, em particular, oferece uma lente única para explorar a interconexão entre percepção, linguagem e a vivência do mundo. Essa compreensão profunda e integradora promove uma abordagem mais integral e sensível na compreensão do ser humano.

2. MÉTODO

Para compreender como a teoria fenomenológica de Merleau-Ponty poderia embasar a prática psicoterapêutica com crianças, com foco na linguagem infantil, foi adotado um método fundamentado em uma revisão bibliográfica extensiva. As principais obras consultadas foram: "Fenomenologia da Percepção", por ser uma das obras centrais de Merleau-Ponty que contém aprofundamento a respeito de conceitos básicos para a construção de sua abordagem, e o artigo "Child Psychology and Pedagogy: The Sorbonne Lectures 1949-1952", por ser a principal produção do autor que aborda especificamente o recorte das crianças. Além disso, foram examinados livros dos principais comentadores de Merleau-Ponty: "Merleau-Ponty: uma Introdução", de Paulo Sérgio de Carmo e "Compreender Merleau-Ponty", de Eric Matthews, para complementar o entendimento das obras originais. Além disso, foram usados artigos acadêmicos levantados por meio de pesquisas usando as palavras-chave e consultas ao livro "Vocabulário de Merleau-Ponty" de Pascal Dupond.

O primeiro passo foi a revisão das obras mencionadas, com foco na compreensão da fenomenologia de Merleau-Ponty e suas concepções sobre infância, linguagem, comunicação e psicoterapia. A análise e sistematização desses conteúdos tiveram como objetivo traçar posturas e ideias que pudessem contribuir para o trabalho dos terapeutas infantis. A revisão teórica foi complementada por uma análise reflexiva dos textos, buscando compreender destaques da teoria visitada para o tema escolhido.

3. CONCEITUAÇÃO

3.1 Sensação

Na obra "Fenomenologia da Percepção", Merleau-Ponty (2011) apresenta a sensação como a porta de entrada para o processo perceptivo, destacando sua importância crucial na formação do conhecimento. Segundo o autor, a sensação é o ponto de partida que permite ao indivíduo captar as qualidades imediatas do mundo ao seu redor, formando assim a base sobre a qual a percepção e o entendimento são construídos. Para o filósofo, a partir dela construímos um primeiro conteúdo limpo de equívocos, ou seja, o conteúdo imediato, recebido pelos órgãos sensoriais, que desempenha um papel de ponto de partida na formação do percebido, agindo como um elemento que confere qualidades específicas e determinadas (Matthews, 2006).

Renunciarei portanto a definir a sensação pela impressão pura. Mas ver é obter cores ou luzes, ouvir é obter sons, sentir é obter qualidades e, para saber o que é sentir, não basta ter visto o vermelho ou ouvido um lá?

O vermelho e o verde não são sensações, são sensíveis, e a qualidade não é um elemento da consciência, é uma propriedade do objeto. Em vez de nos oferecer um meio simples de delimitar as sensações, se nós as tomamos na própria experiência que a revela, ela é tão rica e tão obscura quanto o objeto ou quanto o espetáculo perceptivo inteiro. Essa mancha vermelha que vejo no tapete, ela só é vermelha levando em conta uma sombra que a perpassa, sua qualidade só aparece em relação com os jogos da luz e, portanto, como elemento de uma configuração espacial. Aliás, a cor só é determinada se se estende em uma certa superfície; uma superfície muito pequena seria inqualificável (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 25).

Além disso, há uma ideia de dualidade das sensações, que são tanto objetos da percepção quanto estados do sujeito que percebe. Matthews (2006) enfatiza a necessidade de pensar nas sensações dessa maneira para que possam desempenhar efetivamente o papel atribuído a elas na experiência perceptiva. A dualidade das sensações ilustra a complexa interconexão entre o sujeito e o mundo percebido, elas não podem ser plenamente compreendidas se vistas apenas como estados internos do sujeito ou como meras propriedades dos objetos externos. São uma confluência de ambos. Merleau-Ponty (2011) argumenta que essa

dualidade é essencial para a experiência perceptiva porque demonstra que nossa percepção do mundo não é uma mera reprodução passiva do que está "lá fora", nem uma construção puramente interna.

Além disso, Carmo (2011) contribui para a discussão ao afirmar que, de acordo com Merleau-Ponty, as afirmações teóricas sobre sensação frequentemente constituem construções conceituais, não descrições precisas dos fenômenos como ocorrem. Ele destaca a tendência da consciência de explicar a sensação de maneira clara e distinta, mas, ao mesmo tempo, ressalta que o conhecimento que a consciência possui sobre a percepção é retirado do percebido. Essa perspectiva enfatiza a complexidade da relação entre a consciência, a sensação e a percepção, sugerindo que a explicação da sensação não pode ser divorciada do contexto mais amplo da experiência perceptiva.

3.2. Percepção

A partir da ideia de relação mútua entre o Ser e o mundo e da sensação como sendo uma janela no Ser, a percepção se dá como uma forma de comunicação com o mundo. Ela é o que constroi o mundo percebido e é intrinsecamente ligada à individualidade de quem percebe e à dinâmica desta com o contexto (Reis, 2008). Segundo Merleau-Ponty (2011), conhecer aquilo que é percebido implica em admitir essa ambiguidade, reconhecendo a constante influência do ambiente e a natureza fluida do objeto percebido. Em outras palavras, a percepção não é um processo estático, mas um engajamento ativo com um mundo em constante transformação.

Para além da visão empirista de uma percepção passiva, em que o sujeito recebe representações do mundo, buscando uma verdade única sobre o objeto percebido, Merleau-Ponty (2011) defende a ideia de que a percepção é mais do que uma simples sucessão de impressões sensoriais; ela é um processo dinâmico que envolve a participação ativa do corpo na interação com o ambiente (Reis, 2008).

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não "habita" apenas o "homem interior", ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 6).

A percepção é uma forma essencial de comunicação com o mundo, na qual o corpo atua como o meio primordial através do qual vivenciamos nossas experiências. Merleau-Ponty enfatiza a importância do corpo como um instrumento perceptivo central, destacando que é através do corpo que interagimos com e interpretamos o ambiente ao nosso redor. Ele argumenta que a relação entre o corpo e o mundo é fundamental para a compreensão da experiência perceptiva, pois o corpo não é apenas um receptor passivo de estímulos, mas um participante ativo que dá sentido às nossas percepções e ações. A interação contínua entre o corpo e o mundo cria uma estrutura experiencial que é essencial para a formação da nossa percepção e entendimento do mundo.

A interconexão entre percepção e memória é também um ponto central nas reflexões sobre a percepção. A percepção não é apenas um registro imediato de impressões, mas uma fonte contínua de dados que alimenta a formação de memórias. Ela é uma experiência viva e ativa que envolve o sujeito em uma relação intrínseca com seu entorno, construindo, assim, sua compreensão única do mundo. Nessa abordagem, a percepção transcende a passividade e se torna um processo complexo de interação e construção de significado.

3.3. Corporalidade

Como modo de existir no mundo, está o corpo, que não é apenas um ponto inserido passiva e independentemente em um contexto, mas uma *parte* em um *todo*, em constante e mútua influência, destacando o corpo como uma entidade que vai além de um simples receptor passivo das ações do mundo (Carmo, 2011). Não só a respeito da relação

corpo-mundo, mas também, na de corpo-mente, há, nessa filosofia, essa desconstrução de barreiras. Merleau-Ponty desenvolve sua teoria de forma a desconstruir a dicotomia cartesiana entre corpo e mente, argumentando que o corpo não deve ser visto como um objeto isolado ou reduzido à consciência (Costa, 2015), mas sim como a forma pela qual nos manifestamos e habitamos o mundo.

Nessa visão, o corpo não age como uma causa separada que distorce o pensamento; ao contrário, ele produz percepções das quais o pensamento se serve. Em "Merleau-Ponty, uma introdução", Carmo (2011) enfatiza que o corpo não está na dependência do poder soberano da consciência; em vez disso, ele desempenha um papel de mediador por excelência, colocando-nos em contato permanente com o mundo e marcando a presença do mundo em nós.

Assim, o comportamento humano é permeado por uma intenção, um sentido que se manifesta através do corpo, que é longe de ser um mero veículo físico, mas uma "figura visível de nossas intenções", revelando assim uma dimensão mais profunda da existência humana, destacando a ativa participação do corpo na construção do significado e na interação com o ambiente circundante. O corpo, longe de ser uma barreira que isola o espírito do exterior, torna-se um meio que estabelece uma ponte entre o sujeito e o objeto. Essa mediação corporal nos coloca em contato constante com o mundo, marcando-nos de maneira contínua com as experiências e percepções que vivenciamos. (Carmo, 2011)

Merleau-ponty, em sua obra original, não usa o termo Corporalidade:

Na 'Fenomenologia da Percepção', Merleau-Ponty distingue o 'corpo objetivo', que tem o modo de ser uma 'coisa', que é, segundo uma nota de trabalho de 1958, 'o corpo do animal, analisado, decomposto em elementos'; e o 'corpo fenomenal' ou o 'corpo próprio', que a um só tempo é 'eu' e 'meu', no qual me apreendo como exterioridade, que aparece para si próprio fazendo aparecer o mundo, que, portanto, só está presente para si próprio a distância e não pode se fechar numa pura interioridade - segundo a mesma nota de trabalho, a passagem do corpo objetivo para o corpo fenomenal 'não é passagem ao para si, é sua unidade, sua totalidade, a qual é visível mesmo de fora, embora o aspecto para

outrem e para mim nunca seja o mesmo' (PASCAL DUPOND, 2001).

A visão de corporalidade proposta por Merleau-Ponty realmente enfatiza a importância do corpo na experiência humana. Para ele, o corpo não é apenas um objeto físico, mas um elo dinâmico entre a existência individual e o mundo. O corpo é uma expressão carregada de significado e intenção, e desempenha um papel ativo na construção do conhecimento e na formação da nossa percepção do mundo. A percepção é uma função corporal que integra o sujeito e o ambiente, sublinhando a riqueza e a complexidade da experiência humana.

3.4. O Ser Sensível

Constrói-se, então, o conceito de "Ser sensível" na filosofia de Merleau-Ponty (2011), que transcende as concepções tradicionais, propondo uma abordagem que integra os fenômenos corporais, a percepção, e a experiência humana. Ao tentarmos apreender a "sensação" a partir dos fenômenos corporais, não encontramos um indivíduo psíquico determinado por variáveis conhecidas, mas sim uma formação intrinsecamente ligada a um conjunto, já dotada de sentido. Essa formação se distingue apenas em grau das percepções mais complexas, indicando que a delimitação do sensível puro não é alcançada através da análise isolada dos elementos, mas sim pela compreensão do envolvimento nos processos e nas relações (Merleau-Ponty, 2011).

Ao descrever o mundo exterior, é necessário um recuo artificial, sugerindo que a experiência sensível não pode ser plenamente apreendida através de uma análise fria e objetiva. Quando buscamos algo, já temos em mente de forma intuitiva sua definição, implicando que a experiência sensível é inseparável da essência de sua definição, uma manifestação intrínseca da relação entre a percepção e a intuição (Carmo, 2011).

A experiência dentro de nós mesmos não nos coloca como meros objetos no mundo, mas como o ponto de vista a partir do qual percebemos outros objetos. Para compreender a raiz da ciência, é necessário descrever o mundo a partir de dentro, antes de construir um

arcabouço científico. Os seres humanos, segundo Matthews (2006), têm pressupostos específicos baseados na situação, cultura e comunidade em que estão inseridos. Contrariamente à visão da teoria científica, percebemos não uma coleção de objetos separados, mas um todo no qual a maneira como percebemos um objeto é afetada por sua relação com os outros (Matthews, 2006).

Dos Santos (2008) aprofunda essa reflexão ao considerar o sensível como um ato de radicalidade do próprio conhecimento e das emoções que o envolvem. A experiência sensível do ser-no-mundo, conforme descrita, atua na abertura do sentido sensível para o mundo, estabelecendo uma relação com os aspectos pertencentes à ordem do vivido, transcendendo a mera compreensão pensada.

4. LINGUAGEM

Partindo desta perspectiva teórica, a linguagem é tratada como uma modalidade do corpo, uma extensão que faz parte do mundo da experiência e é entendida como um comportamento em grau mais elevado. Essa abordagem vai além da visão da linguagem como uma simples tradução de pensamentos, enfatizando sua integração com a corporeidade e a experiência vivida (Carmo, 2011).

A linguagem não se restringe somente à expressão verbal; tem um sentido muito mais amplo. A linguagem não se reduz à tarefa de traduzir um pensamento. Assim como o corpo, que é dotado de atitudes que muitas vezes independem do pensamento, a palavra fala. Ela ultrapassa aquilo que o seu emissor tencionava dizer (ibid).

Merleau-Ponty (2010) desafia concepções intelectualistas que reduzem a linguagem a um instrumento racional. Ele destaca o caráter intencional da linguagem em um sentido mais amplo, relacionando-a ao gesto e à modulação corporal significativa. O gesto linguístico, permeado por signos compartilhados por uma comunidade linguística, adquire pleno sentido na situação, demonstrando a inseparabilidade entre linguagem e gesto na estruturação da experiência perceptiva e cognitiva (Veríssimo, 2012).

Integrando, então, a linguagem como uma extensão da percepção, ela não é apenas um meio de comunicação, mas uma forma de compreender o mundo, enfatizando a interdependência entre percepção, linguagem e experiência sensível. A palavra e a fala, enraizadas no corpo, precedem o juízo conceitual, revelando-se como meios de expressão no nível do corpo e gerando significações existenciais que se desdobram na reciprocidade intersubjetiva (Reis, 2008). Tratando a comunicação como uma interação complexa e uma compreensão mútua, ele transcende a visão tradicional da linguagem como mero sistema de signos representativos. Para Merleau-Ponty (2010), a linguagem é uma expressão corporal enraizada na vivência e na interação com o mundo, revelando-se como um processo intrincado que incorpora corpo, percepção e experiência vivida (Costa, 2015).

Neste contexto fenomenológico, a linguagem torna-se não apenas um veículo de transmissão de informações, mas uma manifestação intrínseca à existência humana, abrindo caminho para uma compreensão mais profunda da natureza da expressão e da comunicação. A abordagem de Merleau-Ponty reforça a ideia de que a linguagem é um fenômeno que transcende o pensamento, permeando o corpo e a experiência vivida, desvelando a riqueza de significados que emerge na interseção entre gesto, percepção e palavra.

4.1 Aquisição da Linguagem

Para a fundamentação do estudo da linguagem é necessário olharmos para o processo de aquisição da mesma. Na ideia Cartesiana, a linguagem não tem significado filosófico, é uma questão técnica, apenas. Para filósofos como Kant e Descartes, consciência e linguagem não se encontram, e a linguagem se encontra análoga às coisas, ou seja, não há conexão interior entre consciência e linguagem, pois a consciência de algo, é, essencialmente, "self-consciousness"¹ (Merleau-Ponty, 2010). Apesar disso, é impossível que a consciência de alguém seja

¹ Tradução livre: autoconsciência ou consciência própria.

completamente única. Nós estamos isolados, mas a linguagem nos leva ao nível universal, ou seja, nos conecta com o mundo, com os outros. A linguagem se dá pelas coisas, não pelo sujeito. Assim, palavras faladas ou escritas são fenômenos físicos. Nessa linha teórica, a conexão entre as palavras e seus significados é acidental e convencional. Não é sobre uma comunicação consciente: as minhas palavras apenas dão ao outro uma oportunidade de lembrar o que ele já sabe. A palavra não tem o poder ou força próprios. Dessa forma, a melhor linguagem seria a mais neutra, sem equívocos, científica.

O pensamento elaborado acima acaba desencadeando uma desvalorização da linguagem, considerando-a apenas um "traje" da consciência e dos pensamentos. Segundo Sartre (*apud* Merleau-Ponty, 2010), é impossível a linguagem levar algo novo para o pensamento e a palavra apenas universaliza e resume o que já existe. Apesar disso, a linguagem mostra a origem de novos comportamentos em sua formulação. O autor conclui, então, que ela é algo misterioso, pois não é nem um self, nem uma coisa.

Outro ponto de vista é de Kurt Goldstein (*apud* Merleau-Ponty, 2010): ele define que a afasia - disfunção que faz com que o paciente tenha dificuldade de se comunicar adequadamente, afetando a compreensão de imagens, sons e outros tipos de expressão - não é a perda de uma palavra, nem de uma ideia, é daquilo que torna a palavra pronta para ser expressada. O autor sugere que é importante distinguir palavras com significado e palavras sem significado para entender o sentido presente na linguagem, entendendo, assim, que a linguagem tem uma espécie de poder de significação.

Merleau-Ponty (2010), em sua fala sobre Aquisição de Linguagem, conclui que a natureza da linguagem é complexa e indefinida, e ela não pode ser categorizada nem como uma coisa física nem como uma entidade mental. A linguagem possui uma característica tanto imanente (presente internamente), quanto transcendente (além do alcance usual), e determinar seu verdadeiro status é um desafio contínuo, especialmente

ao estudar como ela é adquirida. A análise psicológica da linguagem revela sua função de esclarecer, mas também aponta para questões filosóficas mais profundas. Apesar de vários esforços para transformar a linguagem em um objeto concreto de estudo, ela resiste a tais tentativas e não deve ser confundida com a mente humana. A linguagem desafia a clara distinção entre signo (a palavra ou símbolo) e significado (o conceito ou ideia representada). O método reflexivo tradicional tem se mostrado ineficaz para estudar a linguagem, assim, levanta-se, o questionamento se o método indutivo, que se baseia em observações e generalizações, pode ter mais sucesso (Merleau-Ponty, 2010). O autor Wolfgang Kohler (*apud* Merleau-Ponty, 2010) usa o método indutivo para formular hipóteses e confrontá-las com fatos que não podem ser explicados por essas hipóteses. Ele se aprofunda nas características dos fenômenos para evitar uma visão abstrata da vida animal, reconhecendo que não podemos ignorar nossas atitudes humanas. Kurt Koffka (*apud* Merleau-Ponty, 2010) reforça que os conceitos descritivos são fundamentais e esclarecem os conceitos funcionais na psicologia. Ambos chamam essa abordagem de "fenomenológica", destacando que ela combina conhecimento mensurável com descrições qualitativas.

Esse conhecimento qualitativo é intersubjetivo, ou seja, descreve o que pode ser observado por todos, garantindo que o conhecimento efetivo seja tanto mensurável quanto qualitativamente descritivo. A partir destes pontos de vista, Merleau-Ponty (2010) conclui que, para entender a linguagem, devem ser considerados: o desenvolvimento psicológico da linguagem da criança; fatos a respeito da fragmentação da linguagem; visão linguística e experiência literária.

A partir do apresentado, compreende-se que esse processo é fundamental para entender como as crianças expressam seus pensamentos e sentimentos. A linguagem, ao emergir das experiências sensoriais e perceptivas, revela a maneira única como cada criança interage com o mundo ao seu redor. A linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas uma extensão da corporeidade e da

experiência vivida, o que significa que cada palavra, gesto ou expressão é carregada de significado e intenções profundas. Isso implica que, ao observar e interpretar as manifestações linguísticas das crianças, estamos acessando suas percepções internas e suas formas de compreender e se relacionar com o mundo.

5. INFÂNCIA

O estudo da linguagem na visão de Merleau-Ponty (2010), como visto, se inicia no processo de aquisição de linguagem, tendo início no momento em que a criança nasce. Segundo o autor: "O balbucio é para a linguagem o mesmo que o rabisco é para o desenho"² (p.8). Nessa fase, a criança tenta falar de maneira generalizada, ou seja, o balbucio tem um tom melódico de conversação mas não significa nada, é uma reação espontânea ao ambiente.

No final do segundo mês de vida a criança já ri e sorri, não só para manifestar satisfação, mas para responder sorrisos ao redor dela. Isso supõe uma relação com o outro que precede a linguagem que vai aparecer naquele contexto. Por isso, as primeiras palavras não são espontâneas antes delas, respostas "atitudinais" já existiam.

A imitação também faz parte do processo de aquisição de linguagem, e tem seu auge entre os 8 e 12 primeiros meses de vida. Essa imitação é tanto da melodia das falas quanto das palavras em si. A criança se banha em linguagem (Delacroix *apud* Merleau-Ponty, 2010), ou seja, está em constante contato com ela, se tornando tanto uma extensão indissociável de todas as atividades, quanto um elemento novo e separado que se relaciona com as atividades. Na época aproximada dos 9 aos 18 meses de vida, se inicia a linguagem falada, a criança aprende algumas palavras, mas, em seguida, entra em uma fase de estagnação, no qual não evolui por um período, este chamado de "incubação da linguagem".

A atividade intelectual da criança é maior do que pensamos, mas nós acabamos subestimando, pois ela não é acompanhada por manifestações exteriores. Desde o nascimento há uma capacidade de

relacionamento com o exterior que não para de se desenvolver. Entre os quatro e dez meses de idade, ocorre um desenvolvimento linguístico e intelectual significativo na criança, embora muitas vezes estejamos mais atentos aos progressos motores. Durante esse período, a criança começa a modular certos sons, variando-os em acentuação e duração, o que pode refletir diferentes níveis de energia e humor. Observações indicam que as crianças começam a captar o ritmo e a acentuação da língua falada ao seu redor, emitindo sons que, mais tarde, não conseguem reproduzir da mesma forma (Gregoire apud Merleau-Ponty 2010).

Aos sete meses, o balbucio livre gradualmente se transforma em fala voluntária, com a criança tentando pronunciar sons e tornando-se mais sensível ao que ouve. Aos oito meses, ela pode começar a repetir vogais de forma rítmica, imitando uma espécie de frase, o que é considerado uma pseudo-linguagem. Entre dez e doze meses, há uma diversidade de pseudo-palavras, e aos doze meses, a criança pode criar efeitos quase linguísticos. A primeira palavra emerge não apenas para designar um objeto específico, mas também para expressar um estado afetivo. A experiência anterior à primeira palavra é menos completa, e a palavra surge como uma unidade diferenciada, evidenciando a continuidade do desenvolvimento da linguagem (*ibid*).

Outro ponto importante a ser considerado é que, para as crianças, os signos não são convenções como para os adultos, mas sim propriedades ou qualidades das coisas. As crianças veem uma relação quase mágica entre os signos e os significados, e muitas vezes criam suas próprias palavras com base nessa percepção intuitiva. As palavras iniciais das crianças podem ser diferentes das palavras dos adultos e frequentemente refletem uma relação de semelhança com os objetos ou sons que representam. As crianças ainda não são capazes de fazer generalizações ou entender conceitos abstratos, mas sua visão sincrética do mundo as ajuda a assimilar diferentes experiências e objetos. Embora a compreensão das crianças sobre os signos possa ser escorregadia e confusa, a aquisição da primeira palavra marca um passo importante na

aprendizagem da linguagem (Stern apud Merleau-Ponty, 2010).

Essa visão intuitiva e mágica que as crianças têm dos signos reflete a maneira como elas experienciam o mundo de forma integral. Cada palavra criada ou adotada por uma criança é carregada de significado pessoal, diretamente ligado às suas percepções e vivências. Por exemplo, uma criança pode usar uma palavra inventada para descrever um objeto específico que tenha uma forma ou som particular que chamou sua atenção. Essa relação direta e não mediada entre o signo e o significado permite que as crianças expressem suas experiências de maneira única e autêntica. Além disso, esse processo de nomeação pessoal ajuda na construção de sua identidade e compreensão do mundo, mesmo que de maneira rudimentar e não convencional. A capacidade das crianças de atribuir significados próprios aos signos demonstra a riqueza de suas interações com o ambiente e como essas interações são fundamentais para seu desenvolvimento cognitivo e linguístico.

A linguagem é mais do que apenas uma representação, ela também é auto expressão e um apelo aos outros. Para a criança, o desenvolvimento da fala é um mecanismo fundamental para estabelecer e reforçar conexões sociais. Este movimento em direção à fala não é apenas um exercício de articulação verbal, mas um contínuo esforço para se engajar e se relacionar com outros seres humanos. A capacidade de utilizar a linguagem como um meio para alcançar reciprocidade e compreensão mútua sublinha sua importância no desenvolvimento emocional e social da criança. Portanto, a linguagem não só facilita a troca de informações, mas também desempenha um papel crucial na formação da identidade e na construção de relações significativas.

A imitação desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança e na formação de sua identidade. Merleau-Ponty (2011) observa que a imitação ocorre em um contexto de egocentrismo inconsciente, onde a criança está totalmente orientada para os outros e para o mundo ao seu redor, mas ainda não tem uma clara distinção entre si mesma e o mundo exterior. A criança tende a assumir como reais as

coisas que existem apenas em sua própria mente. No entanto, a imitação ajuda a criança a fazer essa distinção e a desenvolver uma representação de si mesma. Ao imitar os outros e as coisas ao seu redor, a criança começa a formar uma imagem de si mesma como uma entidade separada e distinta, o que é essencial para o desenvolvimento saudável de sua identidade.

Ao contrário da abordagem clássica que considera a transição da autoconsciência para a consciência dos outros como fundamental, o verdadeiro desafio é como a criança constrói uma noção representativa de si mesma a partir da interação com os outros. Ele argumenta que, para a criança, o outro é central, e a noção de um eu único e distinto não é plenamente desenvolvida. Em vez disso, o eu é vivido pela criança de forma subjetiva, mas não é completamente compreendido como uma entidade separada. A linguagem é invocada como evidência dessa relação entre o eu e o outro na criança, sugerindo que a linguagem reflete e influencia a maneira como a criança constrói sua identidade em relação aos outros (Guillaume apud Merleau-Ponty, 2010).

Merleau-Ponty (2011), nos leva a uma compreensão mais profunda da infância ao destacar que a percepção infantil difere da percepção do adulto. Ele observa que as crianças são mais sensíveis às variações de tamanho e cor dos objetos, indicando uma percepção mais intimamente ligada ao estímulo local do que à teoria da sensação. Essa sensibilidade aguçada das crianças sugere uma percepção que está mais próxima do mundo em sua forma bruta, pouco influenciada por conceitos ou associações prévias. Merleau-Ponty também ressalta a importância do contexto perceptivo na compreensão do mundo pela criança. Ele descreve o campo perceptivo como composto não apenas de objetos visíveis, mas também dos "vazios entre as coisas" (ibid), enfatizando que a percepção não é uma simples associação de partes, mas sim uma experiência integrada e dinâmica.

Além disso, o filósofo discute a formação da atenção na infância como um processo de criação de um campo perceptivo que possa ser

"dominado" e explorado. Ele destaca a importância da liberdade e da flexibilidade na atenção infantil, permitindo que as crianças descubram novos aspectos do mundo ao seu redor. Por exemplo, ele menciona como as crianças desenvolvem a capacidade de distinguir cores ao longo do tempo, passando por diferentes estágios de percepção antes de chegar à compreensão completa das cores como qualidades distintas (ibid).

Esses insights de Merleau-Ponty sobre a infância nos convidam a considerar a experiência infantil como um processo dinâmico de descoberta e criação, enraizado na interação direta com o mundo. Ao compreender a infância sob essa perspectiva fenomenológica, podemos enriquecer nossa prática psicoterapêutica com crianças, oferecendo intervenções sensíveis que levam em conta a riqueza e a complexidade da experiência infantil.

6. CONCLUSÃO

A partir dessa revisão, as principais ideias e conceitos relevantes a respeito da fenomenologia de Merleau-Ponty foram identificados, selecionados e sistematizados de forma que contribuíssem da melhor forma para sustentar as reflexões a respeito da comunicação da criança com o mundo: sensação, percepção, corporalidade, Ser sensível e linguagem.

A análise dos conceitos levantados revela a profundidade da abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty na compreensão da percepção e da linguagem, especialmente no desenvolvimento infantil. Em "Fenomenologia da Percepção", Merleau-Ponty destaca a sensação como a base inicial para a formação do conhecimento. É a partir dessa base sensorial que a percepção e o entendimento se desenvolvem, permitindo que a criança capte as qualidades imediatas do mundo ao seu redor. Esse ponto de partida é primordial, pois oferece um conteúdo direto e intuitivo que é fundamental para a construção do conhecimento infantil (Matthews, 2006).

A dualidade das sensações, conforme Merleau-Ponty, mostra a complexa interconexão entre o indivíduo e o mundo percebido. Essa dualidade é essencial para a experiência perceptiva, demonstrando que a percepção infantil é moldada tanto por experiências sensoriais diretas quanto por interações ativas com o ambiente. Para as crianças, isso significa que suas percepções do mundo são ricas e dinâmicas, refletindo uma integração contínua entre o que elas sentem e como elas interagem com o mundo (Reis, 2008).

A memória desempenha um papel importante na construção simbólica do espaço e dos objetos, ajudando a formar uma narrativa pessoal e coletiva (Martins, 2021). A interligação entre percepção e memória molda a compreensão do vivido pelas crianças, permitindo que suas experiências sejam integradas em uma narrativa coerente. Este processo é vital para a expressão infantil, pois facilita a ligação entre novas experiências e memórias passadas, promovendo significados e entendimentos mais profundos ao longo do tempo.

Merleau-Ponty enfatiza que a experiência perceptiva é moldada pela participação ativa do corpo na construção de significado e na interação com o ambiente. O corpo, longe de ser apenas um receptor passivo, é um meio que estabelece uma ponte entre o sujeito e o mundo. Para as crianças, isso implica que suas expressões e comunicações são profundamente corporais, refletindo suas percepções sensoriais e interações físicas com o mundo. A linguagem, como extensão da percepção, torna-se uma ferramenta poderosa para expressar essas vivências corporais de maneira significativa.

Integrando a linguagem como uma extensão da percepção, Merleau-Ponty propõe que ela vai além de um simples meio de comunicação, sendo uma forma de entender o mundo. A linguagem, enraizada nas experiências corporais, precede o juízo conceitual e se revela como um meio de expressão no nível corporal, gerando significações existenciais que se manifestam na reciprocidade entre indivíduos (Veríssimo, 2012). Para as crianças, isso significa que suas expressões linguísticas estão diretamente ligadas às suas percepções internas e suas formas de compreender e se relacionar com o mundo. Observando suas manifestações linguísticas, acessamos uma parte essencial de suas experiências e entendimentos do mundo.

Para as crianças, os signos não são simplesmente convenções, mas propriedades ou qualidades intrínsecas das coisas. Elas percebem uma relação quase mágica entre os signos e os significados, frequentemente criando suas próprias palavras com base em percepções intuitivas. Essa abordagem sincrética do mundo ajuda as crianças a assimilar diferentes experiências e objetos de maneira única, refletindo uma compreensão mais direta e menos mediada do que a observada nos adultos. Apesar de sua compreensão inicial dos signos poder ser confusa e imprecisa, a criação de palavras próprias marca um passo importante na aprendizagem da linguagem, pois cada termo inventado está carregado de significados pessoais profundamente conectados às suas percepções e vivências. Esse processo de nomeação pessoal não apenas facilita a comunicação, mas

também contribui para o desenvolvimento da identidade da criança, permitindo-lhe articular suas experiências de forma única e autêntica (Stern apud Merleau-Ponty, 2010).

A imitação desempenha um papel essencial no desenvolvimento infantil, servindo como um mecanismo pelo qual a criança começa a formar uma imagem de si mesma em relação aos outros. Merleau-Ponty observa que, durante a imitação, a criança está imersa em um contexto de egocentrismo inconsciente, onde ela se orienta para o mundo e para os outros sem ainda possuir uma clara distinção entre si mesma e o mundo exterior. Ao imitar, a criança internaliza comportamentos, gestos e expressões, começando a desenvolver uma noção de identidade como uma entidade separada e distinta. Esse processo é necessário para o desenvolvimento saudável da identidade, pois permite que a criança se veja como um ser autônomo, capaz de interagir e se relacionar com o mundo ao seu redor. A linguagem, nesse contexto, não apenas reflete essas interações, mas também molda a maneira como a criança constrói e compreende seu próprio eu em relação aos outros (Guillaume apud Merleau-Ponty, 2010).

Merleau-Ponty destaca que a percepção infantil difere significativamente da percepção adulta, caracterizando-se por uma sensibilidade aguçada às variações de estímulos, como tamanho e cor dos objetos. Essa sensibilidade sugere que a percepção das crianças é mais próxima do mundo em sua forma bruta, menos influenciada por conceitos e associações prévias, e mais ligada ao estímulo imediato. Além disso, Merleau-Ponty enfatiza a importância do contexto perceptivo na formação da compreensão do mundo pelas crianças. Ele descreve o campo perceptivo como uma experiência integrada e dinâmica, onde a percepção não é apenas uma simples soma de partes, mas uma totalidade vivida. A formação da atenção na infância é descrita como um processo de descoberta e exploração, onde a liberdade e a flexibilidade são essenciais para permitir que as crianças se engajem plenamente com seu ambiente. Compreender esses processos perceptivos e atencionais é crucial para

apoiar o desenvolvimento integral das crianças, promovendo um ambiente onde elas possam explorar, expressar e compreender o mundo de maneira autêntica e significativa.

Essas observações mostram que o desenvolvimento perceptivo e linguístico das crianças é um processo multifacetado que envolve a integração de sensações, memórias, linguagem e experiências corporais. A abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty fornece uma base sólida para entender como as crianças constroem significados e se expressam, enfatizando a importância da percepção corporal e da interação dinâmica com o ambiente. Essa compreensão é fundamental para apoiar o desenvolvimento saudável e integral das crianças, permitindo-lhes não apenas comunicar suas necessidades e experiências, mas também desenvolver uma identidade robusta e uma compreensão profunda do mundo ao seu redor. Ao valorizar a riqueza das percepções e expressões infantis, podemos criar ambientes educacionais e terapêuticos que promovam o crescimento emocional, cognitivo e social de maneira holística e integrada.

A análise teórica permitiu identificar que a fenomenologia de Merleau-Ponty oferece ferramentas valiosas para uma prática terapêutica mais sensível e integradora. A valorização da intersubjetividade na relação terapêutica implica em uma postura empática e receptiva, buscando sempre acessar e apreender de fato o ponto de vista da criança. Isso sugere a necessidade de intervenções terapêuticas que sejam adaptadas às particularidades de cada criança, promovendo um ambiente terapêutico mais acolhedor e eficaz (Freitas, 2009). Apesar das contribuições significativas, este estudo reconhece algumas limitações. A pesquisa foi baseada em uma revisão bibliográfica, sem a aplicação prática direta dos conceitos discutidos. Futuras pesquisas poderiam explorar a aplicação prática da fenomenologia de Merleau-Ponty na psicoterapia infantil, avaliando empiricamente os impactos dessa abordagem nas intervenções terapêuticas com crianças. Além disso, há uma necessidade de estudos que aprofundem a relação entre linguagem, percepção e corporalidade no

contexto da terapia infantil, explorando como esses elementos interagem e se manifestam nas sessões terapêuticas. A continuidade desse trabalho pode abrir novos caminhos para uma prática terapêutica mais sensível, integradora e eficaz, contribuindo para uma compreensão mais profunda e autêntica das crianças em terapia

Referências:

1. FREITAS, J. F. Reflexões sobre a relação terapêutica: diálogos com Merleau-Ponty. **Revista da Abordagem Gestáltica**, **15(2)**, **103-107**, 2009.
2. MACHADO, M. **Infância em cena**: Fenomenologia de Merleau-Ponty, descrição, análise e criação teatral, 2009.
3. BRITO, R. A. C. de; MOTA, W. da C.; BLOC, L.; MOREIRA, V. **Linguagem e relação com os outros**: contribuições da fenomenologia de Merleau-Ponty para a psicoterapia infantil. *Psicologia USP*, v. 32, p. e200085, 2021.
4. CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty**: uma Introdução. São Paulo: Educ, 2011.
5. FILHO, Ronaldo Manzi. Algumas contribuições de Merleau-Ponty à pedagogia. **Griot : Revista de Filosofia, Amargosa – BA**, **v.22 n.2, p.1-17**, 2022.
6. MACHADO, Marina Marcondes. **O IMAGINÁRIO INFANTIL COMO TRABALHO-EM-PROCESSO**. *CHILDHOOD & PHILOSOPHY*, Rio de Janeiro, v.6, n. 12, p. 281 – 295, 2010.
7. VERISSIMO, D. S. Expressão e conhecimento: a linguagem na Fenomenologia da Percepção. **Fractal: Revista de Psicologia**, **v. 24, p. 513–524**, 2012.
8. REIS, Nayara Borges. **Um sentido sensível do mundo pela filosofia de Merleau-Ponty**. 3º Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP, v. 1, n. 1, 2008.
9. MARTINS, G. S. S. **Processos de aquisição da memória**: a gênese do lugar: uma análise fenomenológica das relações de pertencimento do ser humano com o espaço. repositorio.ufscar.br, 2021.
10. COSTA, S. A. O corpo como ser no mundo na Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty. **Pensar-Revista Eletrônica da FAJE**, **v. 6, n. 2, p. 267–279**, 2015.

11. SANTOS, C. F. DOS. **Implicações da fenomenologia de Merleau-Ponty na expressão corporal infantil.** Repositório institucional.uea.edu.br, 2019.
12. MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011.
13. MATTHEWS, E. **Merleau-Ponty: A Guide for the Perplexed.** Bloomsbury Publishing, 2006.
14. MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia infantil e pedagogia: as palestras da Sorbonne 1949-1952 .** Imprensa da Universidade Northwestern, 2010.
15. DUPOND, PASCAL. **Vocabulário de Merleau-Ponty,** 2001
16. HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura.** Tradução de Marcio Suzuki. 2. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.